



ANNA DZIAŁAK-SZUBIŃSKA
Uniwersytet Warszawski
anna.dzialak-szubinska@uw.edu.pl

DA REVOLUÇÃO DOS CRAVOS À INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA – RECEÇÃO NA IMPRENSA POLACA. O CASO DO SEMANÁRIO INFORMATIVO *POLITYKA* (1974-1976)

Data de receção: 05.11.2020

Data de aceitação: 15.07.2021

Resumo: O artigo apresenta a receção da Revolução dos Cravos e da subsequente descolonização de África, com destaque para o caso angolano, na imprensa polaca com base no semanário informativo *Polityka* (anos 1974-1976). Analisam-se tanto os artigos mais extensos, como pequenas notas da secção internacional (“Za granicą”). A análise geral do corpus, complementa-se pela análise mais detalhada de um dos artigos sobre Angola. O estudo, tendo em conta as simpatias políticas da Polónia de então, mostra como o interesse pela Revolução dos Cravos resulta em (re)leituras de temas relacionados com a descolonização em forma de reportagens, ensaios, entrevistas e outros.

Palavras-chave: *Polityka*, imprensa polaca dos anos 70, Revolução dos Cravos, descolonização da África, independência de Angola

Title: From the Carnation Revolution to the Independence of Angola – Reception in the Polish Press. The Case of the Weekly News Magazine *Polityka* (1974-1976)

Abstract: This article presents the Polish press’ reception of the Carnation Revolution and, as coming in its aftermath – the decolonization of Africa till the independence of Angola, on the basis of texts published in the weekly news magazine *Polityka* (years 1974-1976). The analysis encapsulates both more exhaustive articles and shorter notes from the international section (“Za granicą”). The research, by shedding light on political predilections of contemporary Poland, illuminates how the interest in the Carnation Revolution translates into the readings of decolonization-related topics in the form of reportages, essays, interviews, among others.

Keywords: *Polityka*, Polish press in the ‘70, the independence of Angola, the Carnation Revolution, decolonization of Africa

INTRODUÇÃO

O tema da Revolução dos Cravos, habitualmente, aparece ao lado do tema da descolonização de África. Não é uma justaposição despropositada; pelo contrário: fazer a (re) leitura da Revolução significa abordar o tema dos territórios ultramarinos portugueses¹. Como indica Rui Ramos, “em 1974, o país mudara muito, mas a questão política principal ainda era a mesma de 1961: a guerra em África” (Ramos *et al.* 2012: 706).

De facto, a maioria das províncias ultramarinas portuguesas não conseguiram tornar-se independentes durante as duas primeiras vagas da descolonização, *i.e.*, a primeira, diretamente após a segunda guerra mundial², aproveitada, entre outros, pela Índia e a segunda, depois de 1960³ – o chamado “ano de África”, que libertou dezassete países africanos (Wieczorkiewicz e Urbański 1992: 127-128, Bankowicz *et al.* 1996: 141-142). A saber, no caso das colónias portuguesas, Goa e outros territórios indianos foram integrados na União Indiana antes da Revolução dos Cravos, ainda em 1961. Macau – a partir de 1976, território chinês sob governo português – apenas em 1999, passou a ser administrado pela China. Timor Leste, ainda em 1975, foi ocupado pela Indonésia e recuperou a independência plena somente em 2002. Por fim, os territórios africanos foram libertados após a Revolução de 1974 (Ramos *et al.* 2012: 718)⁴.

Neste contexto, no caso português, a Revolução dos Cravos acelerou a terceira vaga da descolonização, já que facultou a independência à maioria das províncias coloniais portuguesas (Wituch 2000: 171, Ramos *et al.* 2012: 705). As balizas cronológicas da descolonização, *i.e.*, 1945-1975, também indicam a importância das colónias africanas neste processo (Johnson 1989: 544, Wieczorkiewicz e Urbański 1992: 127-128, Bankowicz *et al.* 1996: 141-142).

A independência tardia das colónias portuguesas pode ser explicada, entre outros, pela atitude relativa aos territórios d’além mar que a partir da década de 1950 ganhou as bases teóricas sólidas. Os fundamentos do colonialismo português fazem pensar sobre a ultrapassada retórica kipliguiana⁵, mas na realidade têm outro enfoque: o luso-tropicalismo. Nesta aproximação, sustentava-se que o colonialismo português era isento de violência, não se apoiava na dominação e no racismo e era feito com respeito para a pluralidade dos costumes, ultrapassando desta maneira as simples questões políticas e económicas

¹ Ou, melhor dito, províncias ultramarinas, como eram oficialmente chamadas a partir de 1951 (Leśniewski 2006: 505).

² Como explica Tony Judt, terminada a segunda guerra mundial as nações da Europa, apesar de enfrentarem vários problemas, continuaram a governar grande parte do mundo. Neste contexto, o historiador inglês fala do “inapropriado paradoxo” do colonialismo dos anos 40 (2008: 330).

³ Cf. Os Dez Princípios de Bandoeng da Conferência de Bandoeng (Indonésia) do Movimento dos Países Não Alinhados (18-24 de abril de 1955). Neste contexto Orlando Ribeiro fala igualmente sobre a importância da encíclica de João XXIII *Pacem in Terris* (1981: 366).

⁴ Relembremos que a Guiné-Buissau proclamou-se independente já em 1973.

⁵ Aludo aqui ao poema de Rudyard Kipling “The White Man’s Burden”, publicado em 1899, na revista norte-americana *Mc Clure’s Magazine* (1899: 290), que, no entanto, obviamente remete ao colonialismo em geral.

(Ramos 2007: 460-461) e tornando-se – nas palavras do próprio Salazar – num “estado de alma” (*apud* Ramos 2007: 461). Como destaca Rui Ramos, de acordo com a retórica do regime, Portugal era “uma nação intercontinental e multirracal, assente na original capacidade para a miscigenação que o sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, teórico do «lusotropicalismo», atribuía aos portugueses” (Ramos *et al.* 2012: 681-682). Este suporte erudito, que sustentava a ideia de que o colonialismo português era, de facto, anti-racista e aberto, usava-se para justificar a manutenção das colónias e para esconder a face imperial (Medina 2000: 49-51).

Ora, quando, em 1974, caiu o “governo fascista e colonialista” – como o chamou Mário Soares no discurso proferido a 1 de maio de 1974 (Vieira 2009) – e se destituíram dos cargos o Presidente da República, o Presidente do Conselho juntamente com os seus ministros e se dissolveu a Assembleia Nacional (*Diário do Governo*, Quinta-feira 25 de Abril de 1974, Suplemento), pareceu natural rematar a guerra, e – por conseguinte – devolver a independência às colónias.

A importância política do acontecido, junto com o carácter da própria Revolução e das mudanças que trouxe, pode – acredito – explicar a receção dos acontecimentos ocorridos entre 1974 e 1976 por parte da imprensa polaca da Polónia comunista. Seguindo estas pistas, no meu artigo, pretendo investigar como a imprensa polaca mostra a Revolução Portuguesa de 1974 e as suas consequências, nomeadamente, as independências em África. Desejo igualmente analisar com brevidade, sem formar respostas definitivas, até que ponto a realidade apresentada na imprensa se vê deformada pelos interesses políticos e ideológicos do Bloco de Leste.

As análises serão feitas com base no material recolhido no semanário informativo *Polityka*, fundado em 1957, e popular entre o público liberal até hoje em dia. Para os meus objetivos, conferi todos os números de *Polityka* publicados nos anos 1974, 1975 e na primeira metade de 1976 – a seguir à independência. Note-se que o semanário foi instituído e estabelecido a pedido do Comité Central do Partido Operário Unificado Polaco (POUP) e, por conseguinte, era um dos órgãos de propaganda oficial. Optei por este semanário devido ao seu carácter sociopolítico – esperava encontrar temas atuais e não me enganei a esse respeito. De todos os países que conseguiram a liberdade, após a destituição do Estado Novo, escolhi focalizar com mais cuidado a independência de Angola, por ser este um país que foi visitado tanto nos anos de 1970 como 1980 por vários jornalistas polacos. A escolha resulta, portanto, do próprio material – por ser o mais visitado, este país é também o mais representado nos textos jornalísticos.

O material recolhido aquando da pesquisa feita na Biblioteca da Universidade de Varsóvia, ao que parece, ainda não fora sujeito aos estudos de cariz académico. Note-se, contudo, que o tema da receção da Revolução de 1974, fora já tratado no caso da República Democrática Alemã e da revista *Neues Deutschland* (Seidel M. A. 2010: 93-103). Nesta publicação, o pesquisador alemão mostra como e porque a Revolução dos Cravos interessava *Zentralkommitte* (Comité Central) e como isto se refletia na imprensa. O pesquisador chega a conclusão que a cobertura mediática do ocorrido corresponde aos interesses comunistas, dando-se destaque ao PCP (101). No caso polaco, o panorama parece ser mais complexo, mas os interesses – como demonstrei – permanecem parecidos.

No artigo primeiro, focalizarei as questões relacionadas com a propaganda e a qualidade jornalística dos textos; a seguir, mostrarei os conteúdos dedicados à Revolução dos Cravos e à descolonização da África, dando destaque para a cobertura noticiosa dos eventos ocorridos em Angola; e, finalmente, analisarei mais pormenorizadamente um dos textos. Para cumprir com o objetivo, analisarei tanto a forma como o conteúdo, tendo em conta o contexto político e as simpatias da Polónia de então.

OBSERVAÇÕES SOBRE A IMPRENSA POLACA DOS ANOS 70

Antes de mais nada, convém realçar que na realidade mediática do bloco de Leste, os média não tinham plena liberdade de expressão. Pelo contrário – a propaganda e a censura iam de mãos dadas (Seidel M. A. 2010: 94). No caso polaco, já em 1946, fundou-se Główny Urząd Kontroli Prasy, Publikacji i Widowisk (Agência Central do Controlo da Imprensa, Publicações e Espetáculos), que controlava todos os conteúdos que eram publicados e transmitidos na Polónia (Domska 2011: 80). A Agência dependia diretamente do governo e, por conseguinte, da ideologia vigente (81-82). O Jornalista, à sua vez, era visto como alguém que ajudava o partido comunista e tinha que se caracterizar pela “disponibilidade e obediência” (96). Na Polónia, o controlo da imprensa tinha várias sombras: desde as indicações e sugestões até à publicação obrigatória de textos preparados pelo partido (97). Por conseguinte, a imprensa polaca dos anos de 1970, não pôde oferecer o tratamento plenamente neutro dos acontecimentos ocorridos em Portugal, dado que se tratava dos acontecimentos que interessavam muito a URSS.

Por outro lado, sublinhe-se que, naquela altura, muitas figuras importantes colaboraram com as principais revistas e com os mais importantes jornais polacos – *Polityka*, *Kultura*, *Trybuna Ludu*, *Życie Warszawy* entre outros. A saber, famosos jornalistas – Ryszard Kapuściński, Daniel Passent, Wojciech Giełżyński, Tadeusz Pasierbiński, Roman Samsel; historiadores – Marian Turski, Edward Kołodziej; historiadores da literatura – Janina Klave; “papa-léguas” – Janina Pałęcka, Oskar Sobański. No que toca à temática deste artigo, todos eles se debruçaram, quer sobre o tema da descolonização, quer sobre o tema da Revolução, quer sobre diferentes temas socioculturais relacionados com os países de língua portuguesa. Entre todos os profissionais que trataram o tema, Ryszard Kapuściński merece um destaque especial – jornalista de dimensão mundial, “Heródoto polaco”⁶, autor duma série de reportagens sobre África em *Kultura* – semanário sócioliterário, publicado nos anos 1963-1981, e de um livro dedicado à guerra em Angola – *Mais um dia de Vida (Jeszcze dzień życia)* publicado em 1976, uma das suas mais emblemáticas obras⁷.

Ao mesmo tempo, a cobertura noticiosa dos acontecimentos ocorridos na Península e em África era feita em primeira mão: em Espanha, residia naquela altura, como cor-

⁶ Chamado “Heródoto dos nossos tempos” entre outros, no semanário *Polityka* no artigo publicado por ocasião da sua morte (Krzemiński 2007: 30-32).

⁷ Há três anos estreou nos cinemas – *Another day of life*, 2018.

respondente da PAP, a agência noticiosa polaca, Mirosław Ikonowicz. O jornalista, como ele próprio diz no seu livro *Angola Express* (2009), seguia de perto todos os acontecimentos na Península Ibérica e em África, já que assegurava a cobertura noticiosa dos acontecimentos destas regiões. O correspondente afirma que, nos anos setenta, esteve em Portugal, Espanha, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau (Ikonowicz 2009: 58). Ainda, Mirosław Ikonowicz afirma ter estado em Lisboa a 26 de abril de 1974, ou seja, no terceiro dia da Revolução, sendo o primeiro jornalista do Bloco de Leste (126). O próprio Kapuściński, à sua vez, passou em Angola alguns meses.

Os apelidos acima citados, constituíam “o selo de qualidade”⁸. Embora surgiam no contexto marcado pela censura e propaganda, os artigos escritos por Kapuściński, Ikonowicz, Giełżyński e outros transmitiam as informações relativas ao contexto ibérico e mantinham o público relativamente bem informado, atendendo à qualidade linguística e literária dos textos. Sublinhe-se que muitos dos artigos pesquisados, mesmo hoje, podem ser lidos com prazer: nem todos os jornalistas acederam à arenga política do Bloco de Leste.

Polityka, que nos anos 1974-1976, publicou muitos textos sobre Portugal e sobre a descolonização, garantiu a cobertura noticiosa dos acontecimentos e, ao mesmo tempo, contou com a participação de muitos dos supracitados autores.

DA REVOLUÇÃO DOS CRAVOS À LIBERTAÇÃO DA ÁFRICA – CASO DE *POLITYKA*

A primeira notícia sobre a Revolução dos Cravos aparece em *Polityka*, que, relembremos, é uma publicação semanal, a 4 de maio de 1974. O seu conteúdo é puramente informativo: “Golpe de Estado em Portugal. Forças armadas derrubaram o governo do primeiro-ministro M. Caetano. O general António de Spínola tornou-se o novo chefe de estado” (S.a. 1974c: 2) – diz a notícia anónima e sucinta. Junto desta informação, aparece um artigo de Tadeusz Pasierbiński – jornalista especializado em temas africanos, sobretudo nas questões relacionadas com a descolonização. O título do artigo é “Rysa czy wylom?” [“Fenda ou brecha?”] e, além da própria Revolução, trata de temas relacionados com os territórios portugueses em África. O autor traça igualmente um breve panorama político e económico do país. Apresentam-se também as principais figuras públicas, por exemplo, António de Spínola e Marcelo Caetano (Pasierbiński 1974a: 12-13).

Todos os textos sobre Portugal que aparecem em *Polityka* dentro das referidas balizas cronológicas, podem ser divididos em dois grupos. O primeiro grupo é constituído por curtas informações noticiosas da secção internacional (“Za granicą”). A secção acolhe breves notícias de carácter informativo e dá a conhecer temas atuais. Sem exagero nenhum, pode-se afirmar que dentro das estudadas balizas cronológicas, quase todas as semanas se apresentava alguma notícia sobre Portugal, África e Ásia. A queda da ditadura em Portugal, as mudanças políticas e a subsequente independência dos seus territórios

⁸ Note-se, aliás, que alguns destes autores continuam populares tal e como a própria reportagem que é um género muito cultivado na Polónia.

ultramarinos são acompanhadas de perto pelos jornalistas polacos. Além das notícias de interesse mundial, como a própria Revolução (a já mencionada notícia de 4 de maio de 1974), tratam-se igualmente questões políticas, socioeconómicas e outras. Dentro desta temática variada abordam-se questões de interesse particular do Bloco de Leste. Nomeadamente, a 18 de maio de 1974, informa-se que Portugal está prestes a renovar as relações diplomáticas com os países socialistas (S.a. 1974f: 2), em 1975, segue-se de perto a nacionalização (por exemplo: 3 de maio 1975 e 14 de junho 1975) e outras questões como, por exemplo, as eleições (entre outros a 3 de maio de 1975) (S.a. 1975c: 2; 1975d: 2), sendo este tema – por ser de maior interesse – desenvolvido num artigo separado (Pasierbiński 1974a: 12-13). Obviamente que as notícias da secção internacional não nos dão uma interpretação pormenorizada dos acontecimentos revolucionários. São breves, secas e sucintas, como seria de esperar neste tipo de secções. No entanto, apesar de serem curtas, tratam de temas atuais e transmitem o essencial sobre a situação em Portugal e nos seus territórios ultramarinos. Sublinhe-se também que as notas não contêm comentários, o que garante certa imparcialidade. Por outro lado, a simples escolha dos factos transmitidos, mostra os interesses do Bloco de Leste: as ações dos líderes comunistas e socialistas ecoam nas páginas da secção internacional com relativa frequência.

O segundo grupo é constituído por textos mais extensos – de uma ou mais páginas. Os textos são de cunho variado e de qualidade diferenciada. A saber, encontramos entre outros: reportagens, artigos de cunho histórico, entrevistas, ensaios, folhetins. Alguns artigos consistem em (re)ler ou (re)interpretar os acontecimentos recentes e, já que se trata de jornalismo de opinião, frequentemente esclarecem a situação política e ora evocam, ora desenvolvem questões apenas esboçadas na secção internacional. Aliás, alguns deles entram em contacto direto com a dita secção; é, como já se disse, o caso do supracitado texto de Pasierbiński “Rysa czy wyłom?” [“Fenda ou brecha?”] (1974a: 2). Publicam-se tantos textos mais políticos e marcados pelo discurso da época: Tadeusz Pasierbiński escreve “Dość obietnic, do ataku!” [“Chega de promessas, ao ataque!”] (1974b: 11) e Jerzy Korejwo “Czas poszukiwań i czas nauki” [“Tempo de procura e tempo de aprendizagem”] (1974: 14), como artigos traduzidos doutras fontes, nomeadamente “Portugalczyki zaczynają się uśmiechać” [“Os Portugueses começam a sorrir”] (S.a. 1974e: 12), do *The Sunday Times* e “Trudna, ale konieczna droga” [“Caminho difícil, mas necessário”] (S.a. 1974h: 11), do *Avante!*. A escolha deste segundo parece ser até certo ponto motivada politicamente, já que o *Avante!* é a revista oficial do Partido Comunista Português (PCP). Neste contexto, parece revelador a escolha do artigo proveniente do *The Sunday Times* – um jornal dominical conservador.

Ao lado destes textos, há também análises políticas como “Światło i cienie” [“Luz e sombras”] (1974c: 13), de Pasierbiński e textos sobre acontecimentos do passado: Stanisław Grablowski escreve, “Mord o świcie” [“Matança ao amanhecer”] (1974: 11), sobre a morte de Humberto Delgado. Neste número, entra igualmente, o já mencionado artigo de Tadeusz Pasierbiński “Rysa czy wyłom” [“Fenda ou brecha”] (1974a: 12-13), que constitui a primeira análise jornalística publicada depois do 25 de abril.

Por fim, há também entrevistas feitas a pessoas de relevo. No texto “Po nieudanym marszu na Lizbonę” [“Depois de uma marcha falhada sobre Lisboa”], Henryk Kurta entrevista Mário Soares (1974: 11). No artigo “Portugalczyki o Portugalii” [“Portugueses sobre

Portugal”], Tadeusz Pasierbiński entrevista Luiz Francisco Rebello, Bernardo Santareno e Carlos de Oliveira (Rebello *et al.* 1974: 11). Como se pode ver, as pessoas entrevistadas são escolhidas de acordo com as suas simpatias políticas, nomeadamente convidam-se pessoas de esquerda. Há também textos dedicados a Espanha que referenciam também Portugal (Morodo 1974: 11, M. 1974: 12-13). Portugal continua presente em *Polityka* igualmente em 1975 e 1976.

Vale a pena sublinhar que todos os textos supracitados sobre Portugal são posteriores à data da Revolução dos Cravos. Em 1974, antes do 25 de abril, *Polityka* não publica nenhum artigo sobre Portugal, salvo notas muito pequenas sobre acontecimentos correntes, por exemplo, a já mencionada tentativa falhada de golpe de estado de 16 de março de 1974 e o livro do general Spínola *Portugal e o futuro* (S.a. 1974a: 2). Mais um texto breve, na secção internacional do semanal, é publicado a 23 de março de 1974 (S.a. 1974b: 2). A 9 de fevereiro de 1974, publica-se igualmente um artigo extenso sobre a descolonização de todos os países africanos sem se fazer, no entanto, menção a Portugal: o debate “África – dekada niepodległości” [“África – uma década de independência”] faz um balanço da situação no continente (AA.VV. 1974: 1, 12-13). Por outro lado, só em 1974, no espaço entre maio e dezembro, publicam-se onze textos extensos sobre diferentes questões relacionadas com a Revolução dos Cravos. Dito doutra maneira, dada a distribuição das notícias e o número de notas e artigos publicados depois da Revolução dos Cravos, o interesse por Portugal parece estar diretamente relacionado com a Revolução dos Cravos. A seguir à Revolução e perante as mudanças em África relacionadas com a descolonização, pode-se observar um verdadeiro fluxo de artigos e informações sobre estes territórios. Este número parece sugerir que os jornalistas pretendem relatar o desenvolvimento da situação em Portugal, mas igualmente que estas notícias estão relacionadas com a política e remetem – com muita probabilidade – a esperanças políticas, nomeadamente o desejo de Portugal (e as suas ex-colónias) de se vir a tornar também um país comunista. Este interesse revela-se no tratamento dado a outros temas atuais. A saber, publica-se bastante, por exemplo, sobre a situação política em Espanha que ganha relevo sobretudo com a morte de Francisco Franco⁹. No entanto, esta “rivalidade” não faz com que Portugal e as suas ex-colónias desapareçam da revista *Polityka*. Pelo contrário, ao lado dos temas relacionados com Portugal e com África aparece também a Espanha franquista (M. 1974: 12-13, Morodo 1974: 11) e a Espanha em transição (Ikonowicz 1975: 13).

Passemos agora à descolonização. A ligação entre a Revolução dos Cravos e a descolonização de África é relatada na imprensa polaca logo a seguir ao 25 de Abril. Como destaca Tadeusz Pasierbiński numa dessas publicações, a situação em África depende dos acontecimentos em Portugal, mas, de uma mesma maneira, o destino de Portugal depende das suas colónias. Em poucas palavras, a respeito da Revolução, Portugal e as suas colónias continuam politicamente dependentes um do outro (Pasierbiński 1974a: 12). Também os textos publicados em 1975 e 1976, parecem surgir em correlação com a Revolução

⁹ Ocorrida a 20 de novembro de 1975, aparece em *Polityka*, a 29 de novembro do mesmo ano (S.a. 1975j: 2). O primeiro texto mais extenso sobre Espanha, publicado após a morte de Francisco Franco, é o texto do correspondente da PAP Miroslaw Ikonowicz “Przez monarchię do demokracji” [“Pela monarquia à democracia”] (1975: 13).

e com a descolonização de África. A saber, a 1 de novembro de 1975, portanto, uns dias antes da libertação de Angola, Daniel Passent publica uma reportagem sobre Portugal – “Jesteśmy realistami – pragniemy niemożliwego” [“Somos realistas – queremos o impossível”] (1975: 1, 9-15), cujo título alude a uma frase atribuída a Che Guevara – “Seamos realistas y hagamos lo imposible”¹⁰. É apenas um dos textos sobre Portugal da autoria deste reconhecido jornalista e correspondente de *Polityka*. Além destes textos, há também várias notícias e vários artigos dedicados exclusivamente à descolonização, havendo uma grande representação dos temas ligados a Angola.

A cobertura noticiosa dos acontecimentos relacionados com as colónias é parecida a de Portugal. Em primeiro lugar, a situação de Angola e doutros territórios portugueses em África é coberta, entre outros, na já mencionada secção internacional. Por exemplo, a 8 de junho de 1974 (S.a. 1974g: 2), informa-se sobre a possibilidade de um referendo a favor ou contra a independência de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau. No dia 10 de agosto, fala-se sobre o processo de independência da Guiné-Bissau (S.a. 1974i: 2). Por sua vez, a 7 de setembro de 1974 (S.a. 1974j: 2), fala-se sobre a estratégia de Portugal no que se refere à independência dos territórios africanos e, no dia 28 de setembro do mesmo ano, menciona-se o governo provisório em Moçambique (S.a. 1974k: 2). A 7 de dezembro de 1974, apresenta-se o plano da descolonização (S.a. 1974l: 2); no dia 22 de março de 1975 (1975b: 2), informa-se que Angola se tornará independente a 11 de novembro de 1975; a 22 de novembro do mesmo ano, anuncia-se a proclamação da República Popular de Angola (S.a. 1975i: 2), e outros eventos subsequentes. Nas semanas que precedem a independência de Angola, informa-se sobre a situação no país com regularidade, *i.e.*, nos dias 25 de outubro 1975, 1 de novembro 1975 e 8 de novembro 1975 (S.a. 1975d: 2, S.a. 1975g: 2, S.a. 1975h: 2). Depois da data da independência, trata-se também sobre as transformações de uma Angola livre e sobre a guerra. Em poucas palavras, a secção noticiosa apresenta, em forma de breves informações de três ou quatro frases, todo o processo de descolonização. A falta de comentários garante a relativa neutralidade: note-se que o(s) autor(es) das notícias africanas não abusam das palavras-chave do vocabulário característico para o discurso comunista, embora se fale sobre “forças imperialistas” (S.a. 1975e: 2), nacionalização (S.a. 1976a: 2), democracia popular, luta das classes, entre outros (S.a. 1976b: 2). O número de notas permite manter o leitor informado sobre a situação corrente.

Há igualmente textos de maior peso jornalístico. Tal como no caso dos artigos sobre a própria Revolução, os textos dedicados à descolonização abordam temas muito variados. A saber, podemos observar a existência de diferentes eixos temáticos: fala-se sobre a Revolução dos Cravos e as suas repercussões em África; descreve-se a descolonização em África; referem-se casos particulares da descolonização dos países africanos, entre outros Angola. Além dos temas atuais, surgem igualmente assuntos relacionados com a história.

Dentro do grupo que relaciona a Revolução Portuguesa de 1974 com a descolonização, vale a pena mencionar o texto de Jerzy Korejwo, “Czas poszukiwań i czas nauki” [“Tempo de procura e tempo de aprendizagem”], publicado no dia 27 de julho de 1974. Nesta repor-

¹⁰ Agradeço a referência a Jakub Jankowski.

tagem (trata-se de uma correspondência enviada de Portugal), o autor analisa a situação atual em Portugal. Ele chama igualmente a atenção do leitor para o facto de a Revolução ter as suas raízes na guerra colonial em África. Nomeadamente, acusa a ditadura de ter prolongado a sua agonia à custa de muitas vidas jovens. Para apoiar a sua tese, Jerzy Korejwo apresenta histórias de vários portugueses que foram vítimas das “ilusões coloniais” (1974: 14). A crítica feita ao colonialismo faz parte da retórica comunista, mas neste caso a relação não é muito obtrusiva.

Há também textos que tratam do tema da descolonização e da independência dos respetivos territórios. Entre eles, uma série de textos de Tadeusz Pasierbiński que merecem um destaque especial. O primeiro deste conjunto de textos, que passo a passo analisam a situação em África, é “Dość obietnic, do ataku!” [“Chega de promessas, ao ataque!”]. Neste texto publicado a 25 de maio de 1974, ao lado da situação pós-revolucionária em Portugal, tratam-se temas diretamente relacionados com a guerra em África. O autor analisa os casos de Angola, Cabo Verde e Moçambique. A correlação dos destinos de Portugal e destes países constitui um dos eixos deste texto (Pasierbiński 1974b: 11).

O artigo da autoria do mesmo jornalista, “Światło i cienie” [“Luzes e sombras”], publicado a 7 de setembro de 1974, segue a mesma linha e trata de questões relacionadas com a descolonização dos territórios portugueses em África. Além de apresentar diferentes grupos políticos, tanto em Portugal, como nos países africanos de língua portuguesa, traça um panorama africano. O jornalista sublinha que, embora as autoridades portuguesas apoiem a causa das colónias, nem todas as forças em Portugal estão a favor da descolonização (1974c: 13).

Há também um certo número de textos que relatam apenas a situação em Angola. A saber, uma análise minuciosa aparece no artigo “Droga wolna – czy do piekła” [“Caminho livre [para a independência] ou para o inferno”] de Wojciech Gielżyński. Este autor concentra-se na situação em Angola, dois meses antes do 11 de novembro de 1975. Além de mostrar as principais forças políticas que lutam em Angola, nomeadamente o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), fala sobre o futuro de Portugal e de Angola.

O tema de Angola é continuado a 22 de novembro de 1975, por Tadeusz Pasierbiński que publica um artigo em que relata várias questões relacionadas com a recém-consumada independência. O artigo, cujo título é “Druga wojna” [“Segunda guerra”], além de apresentar as principais forças políticas, aborda os problemas de Angola. Nomeadamente sublinha que, embora já independente, o país continua em guerra e fortemente dividido.

Tadeusz Pasierbiński é também autor do texto “Kiedy koniec wojny?” [“Para quando o fim da guerra?”]. Neste artigo apresentam-se os diferentes problemas de Angola – a questão da independência (o artigo é de 17 de janeiro de 1976), as decisões, ou, melhor dito, a falta destas, por parte da Organização da Unidade Africana (OUA) e, sobretudo, a guerra em Angola na sua dimensão internacional, ou seja, como um dos palcos da guerra fria. Aliás, Tadeusz Pasierbiński, numa maneira muito discreta, critica a política americana e sublinha que a União Soviética apoia as forças ditas patrióticas e legais, *i.e.*,

o MPLA. Tendo em conta que a guerra em Angola “durou sem cessar [40 anos] e pode ser dividida em três etapas¹¹ que refletiram perfeitamente a tragédia de África no século XX” (Leśniewski 2006: 521), a pergunta “Para quando o fim da guerra?”, feita por Tadeusz Pasierbiński a 17 de janeiro de 1976, parece bastante ingénua.

Tal e como no caso português há igualmente interesse pela história. Nestes contextos, vale a pena evocar um artigo interessante (publicado a 23 de agosto de 1975) da autoria de Edward Kołodziej, naquela altura um jovem historiador, hoje em dia, reconhecido investigador e professor catedrático. “Iluzje kolonialne” [“As Ilusões coloniais”] – este é o seu título – debruça-se sobre os sonhos coloniais polacos dos tempos da Segunda República. A saber, os planos da Polónia ocupar Moçambique e Madagáscar. O texto não comenta a situação atual em África, embora, ao que parece, tenha surgido do interesse pelos territórios portugueses e por Portugal (1974: 15).

Neste curto período de dois anos e meio, ou seja, de 1974 à primeira metade de 1976, a presença da África, embora não prevaleça sobre outros temas, é bem visível. Como já se afirmou o número total de artigos relacionados com Portugal em *Polityka* parece ter subido bastante com a Revolução dos Cravos. O mesmo pode ser dito sobre os temas africanos que, como vimos, surgem também antes da Revolução. Seja como for, assim que a África se torna mais um palco da guerra fria, sobe também o interesse dos média polacos. Nestes contextos é de realçar que os artigos mais extensos dedicados unicamente a Angola aparecem no contexto da sua independência. Ao mesmo tempo, Angola parece ser o único país que atrai atenção suficiente junto dos média, merecendo textos individuais. Talvez não sejam muitos, mas revelam um certo interesse por parte do público, dos próprios jornalistas e, dada a situação política na Polónia, por parte do Poup.

Acresce que a temática angolana é explorada por outras revistas, nomeadamente a já mencionada *Kultura*. No dia 16 de novembro de 1975, portanto logo a seguir à independência de Angola, publica-se o primeiro artigo angolano de Kapuściński sobre Angola – “Zdobycie Samba Caju” [“A tomada de Samba Caju”] (Kapuściński 1975: 1-2)¹². O texto dá início a toda a série de publicações que culmina com o livro *Mais um dia de vida* evocado no início do meu artigo. Acresce que o interesse por Angola resulta igualmente no interesse pela literatura de expressão portuguesa. A saber, em 1977, publica-se a coletânea poética de Agostinho Neto, a *Sagrada Esperança* sob o título *Palmy nadziei* [Palmeiras de Esperança]. O perfil político de Agostinho Neto permite ver no interesse literário o interesse político.

¹¹ Leśniewski enumera: 1961-1975, a guerra da descolonização; 1976-1989, a guerra pós-colonial – *proxy war*; 1989-2002, a luta pelo poder (2006: 521). Christine Messiant, socióloga francesa, perita em questões relacionadas com a política angolana, por sua vez, demonstra como Angola passa por luta pela independência, guerra civil e lutas no contexto regional (2008: 177-199).

¹² Ryszard Kapuściński trabalha para a revista *Kultura* a partir de agosto de 1974. No entanto, naquela altura escrevia sobre países árabes. O primeiro texto que publica a 11 de agosto de 1974 é “Fedaini” (Kapuściński 1974: 1, 10).

CASE STUDY – ARTIGO DE WOJCIECH GIEŁŻYŃSKI, “DROGA WOLNA – CZY DO PIEKŁA?” [“CAMINHO LIVRE [PARA A INDEPENDÊNCIA] OU PARA O INFERNO?”]

Para mostrar com mais pormenores como se apresenta a descolonização, a independência de Angola e a subsequente guerra, passo agora a analisar um dos textos acima mencionados: “Droga wolna – czy do piekła?” [“Caminho livre [para a independência] ou para o inferno”] de Wojciech Giełżyński, publicado em *Polityka* a 6 de setembro de 1975. Escolhi este texto por mostrar a descolonização e a situação em Angola com muitos pormenores e, ao mesmo tempo, revelar as simpatias políticas do autor que tenta conciliar a cobertura noticiosa fiel com a persuasão política. Wojciech Giełżyński, autor do artigo, foi repórter e jornalista que trabalhou para as revistas tais como *Polityka* e *Kultura*¹³. Foi também autor de vários livros, entre outros sobre o Irão. As suas simpatias políticas eram de esquerda (cf. Smoleński 2015: snp) o que, além da falta de liberdade de expressão e do discurso oficial sobre a descolonização, pode explicar as suas simpatias mostradas no artigo.

No artigo “Droga wolna – czy do piekła” [“Caminho livre [para a independência] ou para o inferno”], Giełżyński concentra-se no panorama político em Angola. Como já se disse no subcapítulo precedente, ele apresenta as principais forças que lutam pela dominação: o MPLA, a FNLA e a UNITA. Ele igualmente traça uma panorâmica da situação no país: explica quem é quem, mostra os líderes, fala sobre a situação corrente em Angola, evoca a participação portuguesa e o contexto colonial e do Estado Novo. Tenta igualmente apresentar a complexidade do conflito, referindo vários aspetos e, em alguns casos, recorre à domesticação ecovocando contextos mais próximos do leitor polaco, nomeadamente ao comparar Cabinda à Irlanda do Norte (Giełżyński 1975: 14). O texto além da palavra, recorre ao poder da imagem. Nomeadamente usa as fotografias.

O repórter, ao que parece, fez boa pesquisa, já que as informações sobre a situação em Angola, a intervenção doutros países, a presença dos portugueses e o passado colonial de Angola são bem precisos: ele recorre aos dados, às datas e aos nomes. Fala igualmente sobre todos que participam no conflito. Giełżyński refere as fontes que usou no seu trabalho: a imprensa local, os repórteres doutros países, os telegramas, as afirmações doutras pessoas como Henrique Carreira – combatente do MPLA, Basil Davidson – jornalista e historiador britânico, perito em temas ligados a Angola, e Tadeusz Jackowski – jornalista polaco. Deixa também espaço para as dúvidas, sublinhando que algumas informações podem ser incertas. Portanto, Giełżyński não se baseia apenas nas suas opiniões, mas usa argumentos derivados da “autoridade” ou refere às fontes de informação concretas.

Para mostrar o quão complexa é a situação em Angola, ele recorre a ferramentas diversificadas. Em primeiro lugar, várias vezes sublinha que Angola escapa a leituras simplistas. Chega a afirmar, por exemplo, que “Angola é um país enorme e diferenciado” (Giełżyński 1975: 12) para deixar o leitor saber que a situação é, como ele próprio diz,

¹³ Referida como *Kultura Paryska*, publicada entre 1947 e 2000, em Roma e em Paris, ligada aos círculos que emigraram da Polónia.

“fluída” (Gielżyński 1975: 11). Como sublinha, em Angola cruzam-se os interesses políticos e ideológicos doutros países, os interesses económicos de grandes multinacionais e as antipatias de cariz religioso e étnico (15). Ainda, como destaca o autor, o conflito angolano não pode ser visto apenas como uma guerra que opõe “progressistas” e “reacionários”, é muito mais complexa (16). Destaque-se que Gielżyński chega igualmente a criticar as pessoas que em vez de mostrar a panorâmica complexa e detalhada, que evocasse os mais variados aspetos do conflito, usam “etiquetas” e tentam reduzir toda a guerra a “uma teoria de conspiração” (15). Ele também mina a autoridade da maioria dos repórteres europeus que “se excita [...] por soldados do FNLA” (16). Ele cita algumas opiniões para depois polemizar e sublinhar a complexidade do ocorrido: é por exemplo, o caso da polémica travada com Jackowski (16). Por outro lado, ele próprio de maneira consciente opera com a palavra e com a imagem para defender que o MPLA age no interesse de todo o país.

O apoio dado ao MPLA é visível a vários níveis. Em primeiro lugar, presenciamos a valorização negativa das forças que se opõem a este movimento e a valorização positiva do MPLA, *i.e.*, uma clara polarização. Vejamos a descrição dos oponentes: segundo Gielżyński, o MPLA “apresenta um programa progressista e radical de mudanças socioeconómicas que agirá no interesse de toda a nação angolana”; a FNLA são “reacionários”, “apoiados pelos diferentes quadrantes imperialistas”; a UNITA, “oportunistas do centro que apresentam as tendências conservadoras” (11). Depois, no entanto, o repórter acrescenta que “Todos estes termos derivados da fraseologia política europeia não correspondem à substância política da África, mas aproximadamente refletem as relações em Angola” (11). Além disso, Gielżyński diz claramente que o MPLA tem de vencer para garantir a paz. O jornalista polaco acrescenta igualmente que, “se o MPLA perder, Angola tornar-se-á num vulcão e no inferno” (15). Também recorre aos epítetos que valorizam as respetivas forças. A saber, “esquerdistas do MPLA”, “chauvinistas do FNLA” (1). Igualmente diz quem os apoia, dando destaque às simpatias dos Portugueses: o MPLA é preferido da marinha “avanguarda da revolução” e da “infantaria democrática” (1). Este recurso pode influenciar as simpatias do leitor. O repórter sobrepõe “uma guerra de lemas inocente” (ao evocar os lemas que as respetivas forças escrevem nos muros) à “massacre sem cessar” (ao evocar o lado armado do conflito); as palavras dos jornalistas que dizem que “Angola respira mais fundo” (1) depois do acordo em Nakuru¹⁴ à imagem dos “montes dos cadáveres” uns dias mais tarde (1) para criar o efeito de surpresa no leitor e intensificar a mensagem.

Em segundo lugar, usa-se a valorização positiva e negativa dos líderes que funcionam como *pars pro toto*: representam os valores das organizações. A saber, Holden Roberto, de acordo com o autor, prefere a luta, odeia os europeus e é anticomunista (Gielżyński 1975: 1, 13); Jonas Savanibi é enigmático (13); ao passo que Agostinho Neto advoga a favor da paz, quer conciliação, é apoiado pela URSS e é “símbolo da libertação” e “médico, intelectual súpil, poeta” (1, 13, citações 13). A acumulação dos epítetos positivos associados a Neto fala por si mesmo. Acresce que as teses veem-se suportadas por imagens: publi-

¹⁴ O acordo assinado no dia 21 de junho de 1975, que reuniu os representantes do MPLA, da UNITA e da FNLA.

cam-se as fotografias de todos os três líderes, sendo Neto de gravata e óculos e legendado “Agostinho Neto – advogava a favor da paz” (11). O texto tem uma clara dimensão persuasiva que pretende convencer o leitor que o MPLA é a melhor opção política para Angola. No entanto, Giełżyński não idealiza o MPLA a todo custo: diz que o mesmo garante a paz e a inclusão, mas não a convivência “idílica” (16). Relembremos também que pese a este apoio dado ao MPLA, Giełżyński transmite muitos factos, nomes, dados, e no que toca à génese de conflito e à sua internacionalização tenta evitar as leituras redutoras.

Destaque-se que o artigo de Giełżyński, na medida do possível, foge à arenga política e comunista: obviamente usa o vocabulário típico da época e do contexto (“reacionário”, “progressista”, “imperialista”, etc.), mas tenta ser preciso na descrição da realidade retratada. A supracitada apresentação das três forças é um dos poucos casos quando se usam as etiquetas e, como se viu, Giełżyński sublinha que certas palavras não correspondem “à substância política da África” (1975: 11). Em vários momentos, lembra igualmente que o conflito é complexo e explica esta complexidade.

O texto de Giełżyński reflete as simpatias do autor que coincidem com o discurso oficial e o apoio dado ao MPLA. Neste aspeto, o artigo claramente vai de mãos dadas com a retórica comunista, mas – note-se – sem usar o discurso de propaganda primitivo. Como sublinha Orlando Ribeiro, de facto, interessaram-se pelos países africanos a Cuba, a URSS, a China e os Estados Unidos (1981: 367). A guerra insere-se, portanto, no contexto da guerra fria, mas também dos conflitos étnicos (Leśniewski 2006, Messiant 2008) e o conflito em Angola claramente ocupa os países comunistas tanto a nível participativo (Cuba, URSS) como no que toca à cobertura mediática. O próprio Giełżyński mostra a internacionalização do conflito e há também outros artigos que tocam o tema da guerra fria em África como já mencionado “Kiedy koniec wojny?” [“Para quando o fim da guerra?”] publicado a 17 de janeiro de 1976. *Polityka*, aliás, claramente mostra as suas simpatias anticolonialistas, ainda antes da Revolução dos Cravos. Veja-se, a este respeito, o debate “Afryka – dekada niepodległości” [“África – uma década de independência”] (AA.VV. 1974: 1, 12-13)¹⁵.

Jörg Seidel M. A., que analisou o tratamento da Revolução dos Cravos no *Neues Deutschland*, repara na importância que esta tem para a propaganda da Alemanha do Leste (2010: 98-101). Desta forma, tanto Portugal, como as suas ex-colónias entraram na órbita dos interesses do Bloco de Leste. É de realçar também que o interesse pela situação política em Portugal e África pode constituir um dos elementos de propaganda, mostrando outros países que conscientemente adotam o sistema político vigente no Bloco de Leste. A imprensa polaca nos anos setenta, na Polónia, era controlada e censurada (cf. Dombska 2011: 79-100). No entanto, atrás desse biombo que, obviamente, reflete as simpatias políticas e ideológicas do Bloco de Leste (cf. Seidel M. A 2010: 93-103) e a política africana de Kremlin, temos também artigos informativos que evitam a narração ideológica primitiva. Como diz Mirosław Ikonowicz, o já mencionado correspondente da PAP na Península

¹⁵ O debate (AA.VV. 1974: 1, 12-13) ocupa três páginas e é igualmente tema de capa. Participam nele o jornalista polaco de renome Tadeusz Pasierbiński, o historiador Marian Turski e o reconhecido economista Jerzy Kleer. Todos três conversam com cinco especialistas em estudos africanos e relações internacionais: tanto polacos como soviéticos.

Ibérica, “A guerra angolana decorria num mundo dividido em dois blocos opostos. Eu relatei a guerra desde a perspectiva do Movimento Popular para a Libertação de Angola, o MPLA, ou seja, o exército do governo” (2009: 7-8). Acho que o jornalista polaco capta neste excerto a essência da receção do conflito – a perspectiva. No entanto, o facto de se adotar esta perspectiva, paradoxalmente, em muitos casos não tira o valor informativo aos textos publicados em *Polityka* e vários dos artigos “resistem ao tempo”.

CONCLUSÕES

Em vista do sobredito, podemos afirmar que os textos publicados entre os anos 1974-1976, em *Polityka*, transmitem informações sobre as repercussões da Revolução dos Cravos, a situação em Angola, o colonialismo, a descolonização e o neocolonialismo. A presença de Portugal e da África é bem visível ao longo dos anos 1974-1976. Mesmo depois da proclamação da independência de Angola, as questões relacionadas com a guerra continuavam presentes em *Polityka*, bem como Portugal. Convém destacar que todos estes artigos nos ajudam a ver como evoluiu a situação política e militar em África, incluindo Angola. Desde o fórum publicado, ainda antes da Revolução, passando por diferentes artigos de Tadeusz Pasierbiński e chegando ao artigo de Wojciech Giełżyński (e outros que aparecem nos anos seguintes), vemos como a questão da independência e da descolonização convive com os temas relacionados com a guerra em Angola.

Vemos igualmente a variedade e o material jornalístico: publicam-se tanto as notícias secas e sucintas, como os artigos mais extensos. O interesse pelos temas relacionados com Portugal e com as colónias portuguesas, com um destaque para Angola, está intimamente ligado à Revolução dos Cravos como se pode confirmar pela distribuição dos artigos e pelos temas abordados. Mesmo que estes se relacionem com os interesses políticos da Polónia comunista, podemos ver o lado informativo.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. (1974) “Afryka – dekada niepodległości”. *Polityka*. 6 (884) 9.2.1974: 1, 12-13.
- BANKOWICZ, Bożena, BANKOWICZ, Marek e DUDEK, Antoni (1996) “Dekolonizacja”. Em: *Leksykon historii XX wieku*. Kraków, Wydawnictwo Geo: 141-142.
- Diário do Governo, 25.4.1974 (Suplemento). 97. <https://dre.pt/application/dir/pdfgratis/1974/04/09701.pdf> [4.01.2019].
- DOMBSKA, Anna (2011) “Ograniczenia wolności prasy”. *Studia prawno-ekonomiczne*. LXXIV: 79-100.
- GIEŁŻYŃSKI, Wojciech (1975) “Droga wolna – czy do piekła?”. *Polityka*. 36 (966) 6.9.1975: 1, 11-15.
- GRABLOWSKI, Stanisław (1974) “Mord o świcie”. *Polityka*. 24 (902) 15.6.1974: 11.

- IKONOWICZ, Mirosław (1975) "Przez monarchię do demokracji". *Polityka*. 49 (979) 5.12.1975: 13.
- IKONOWICZ, Mirosław (2009) *Angola Express*. Bydgoszcz – Warszawa, Oficyna Wydawnicza Branta.
- JOHNSON, Paul (1989) *Historia świata (od roku 1917)*. Londyn, Polonia Book Fund.
- JUDT, Tony (2008) *Powojnie. Historia Europy od roku 1945*. Poznań. Dom Wydawniczy Rebis.
- KAPUŚCIŃSKI, Ryszard (1974) "Fedaini". *Kultura*. 32 (582) 11.8.1974: 1, 10.
- KAPUŚCIŃSKI, Ryszard (1975) "Zdobycie Samba Caju". *Kultura*. 46 (648): 1-2.
- KAPUŚCIŃSKI, Ryszard (2008) *Jeszcze dzień życia*. Warszawa, Agora SA.
- KIPLING, Rudyard (1899) "The White Man's Burden". *McClure's Magazine*. XII (4): 290.
- KOŁODZIEJ, Edward (1974) "Iluzje kolonialne". *Polityka*. 34 (964) 23.8.1974: 15.
- KOREJWO, Jerzy (1974) "Czas poszukiwań i czas nauki". *Polityka*. 30 (908) 27.7.1974: 14.
- KRZEMIŃSKI, Adam (2007) "Herodot naszych czasów". *Polityka*. 5 (2590): 30-32.
- LEOPOLD, Wanda e STOLAREK, Zygmunt, ed. e trad. (1974) *Antologia poezji afrykańskiej*. Warszawa, Ludowa Spółdzielnia Wydawnicza.
- LEŚNIEWSKI, Michał (2006) "Wojna w Angoli 1961-2002". Em: Piotr Ostaszewski (ed.) *Konflikty kolonialne i postkolonialne w Afryce i Azji 1869-2006*. Warszawa, Książka i Wiedza: 505-521.
- M. (1974) "Manowce rewolucyjnego arystokratyzmu". *Polityka*. 27 (905) 6.8.1974: 12-13.
- MEDINA, João (2000) "Gilberto Freyre contestado: o lusotropicalismo criticado nas colónias portuguesas como alibi colonial do salazarismo". *Revista USP*. 45 (março/maio): 48-61.
- MESSIANT, Christine (2008) *L'Angola Postcolonial. Vol. 1. Guerre et Paix sans Démocratisation*. Pref. Georges Balandier. Textos reunidos e editados com a introdução de Brigitte Lachartre e Michel Cahen. Paris, Éditions Karthala.
- MORODO, Paulo (1974) "Poczucie demokracji". Entrevista de Henryk Zdan. *Polityka*. 43 (921) 26.10.1974: 11.
- NETO, Agostinho (1977) *Palmy nadziei*. Kraków, Wydawnictwo Literackie.
- PASIERBIŃSKI, Tadeusz (1974a) "Rysa czy wyłom". *Polityka*. 18 (896) 4.5.1974: 12-13.
- PASIERBIŃSKI, Tadeusz (1974b) "Dość obietnic, do ataku!". *Polityka*. 21 (899) 25.5.1974: 11.
- PASIERBIŃSKI, Tadeusz (1974c) "Światło i cienie". *Polityka*. 36 (914) 7.9.1974: 13.
- PASIERBIŃSKI, Tadeusz (1975) "Druga wojna". *Polityka*. 47 (977) 22.11.1975: 13.
- PASIERBIŃSKI, Tadeusz (1976) "Kiedy koniec wojny". *Polityka*. 3 (985) 17.1.1976: 11.
- PASSENT, Daniel (1975) "Jesteśmy realistami – pragniemy niemożliwego". *Polityka*. 44 (974) 1.11.1975: 1, 9-15.
- RAMOS, Rui (2007) "«O império que nunca existiu»: a cultura da descolonização em Portugal C. 1960-C.1980". *Revista da História das Ideias*. 28: 429-478.
- RAMOS, Rui, GONÇALO MONTEIRO, Nuno e VASCONCELOS E SOUSA, Bernardo (2012) *História de Portugal*. Lisboa, A Esfera dos Livros.
- REBELLO, Luiz Francisco, SANTAREO, Bernardo e OLIVEIRA DE, Carlos (1974) "Portugalczycy o Portugalii". Entrevista de Tadeusz Pasierbiński. *Polityka*. 40 (918) 5.10.1974: 11.
- RIBEIRO, Orlando (1981) *A Colonização de Angola e o seu Fracasso*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- S.a. (1974a) "Za granicą". *Polityka*. 11 (889) 16.3.1974: 2.

- S.a. (1974b) "Za granicą". *Polityka*. 12 (890) 23.3.1974: 2.
- S.a. (1974c) "Za granicą". *Polityka*. 18 (896) 4.5.1974: 2.
- S.a. (1974d) "Za granicą". *Polityka*. 19 (897) 11.5.1974: 2.
- S.a. (1974e) "Portugalczyki zaczynają się uśmiechać". *Polityka*. 19 (897) 11.5.1974: 12 (fonte: *Sunday Times*).
- S.a. (1974f) "Za granicą". *Polityka*. 20 (898) 18.5.1974: 2.
- S.a. (1974g) "Za granicą". *Polityka*. 23 (901) 8.6.1974: 2.
- S.a. (1974h) "Trudna, ale konieczna droga". *Polityka*. 26 (904) 29.6.1974: 11 (fonte: *Avante*).
- S.a. (1974i) "Za granicą". *Polityka*. 32 (910) 10.8.1974: 2.
- S.a. (1974j) "Za granicą". *Polityka*. 36 (914) 7.9.1974: 2.
- S.a. (1974k) "Za granicą". *Polityka*. 39 (917) 28.9.1974: 2.
- S.a. (1974l) "Za granicą". *Polityka*. 49 (927) 7.12.1974: 2.
- S.a. (1975a) "Za granicą". *Polityka*. 1 (931) 4.1.1975: 2.
- S.a. (1975b) "Za granicą". *Polityka*. 12 (942) 22.3.1975: 2.
- S.a. (1975c) "Za granicą". *Polityka*. 18 (948) 3.5.1975: 2.
- S.a. (1975d) "Za granicą". *Polityka*. 24 (954) 14.6.1975: 2.
- S.a. (1975e) "Za granicą". *Polityka*. 41 (971) 11.10.1975: 2.
- S.a. (1975f) "Za granicą". *Polityka*. 43 (973) 25.10.1975: 2.
- S.a. (1975g) "Za granicą". *Polityka*. 44 (974) 1.11.1975: 2.
- S.a. (1975h) "Za granicą". *Polityka*. 45 (975) 8.11. 1975: 2.
- S.a. (1975i) "Za granicą". *Polityka*. 47 (977) 22.11.1975: 2.
- S.a. (1975j) "Za granicą". *Polityka*. 48 (978) 29.11. 1975: 2.
- S.a. (1976a) "Za granicą". *Polityka*. 20 (1002) 15.5.1976: 2.
- S.a. (1976b) "Za granicą". *Polityka*. 26 (1008) 26.6.1976: 2.
- SEIDEL M. A., Jörg (2010) "A Revolução Portuguesa dos Cravos no *Neues Deutschland* da Alemanha do Leste". Em: José Eduardo Franco, Teresa Pinheiro y Beata Elżbieta Cieszyńska (eds.) *Europa de Leste e Portugal. Realidades, Relações e Representações*. Lisboa, Esfera do Caos Editores: 93-103.
- SMOLEŃSKI, Paweł (2015) "Zmarł Wojciech Gielżyński – reporter i podróżnik z powołania". *Gazeta Wyborcza*. 6.03.2015. https://wyborcza.pl/1,75410,17528558,Zmarl_Wojciech_Gielzynski_reporter_i_podroznik_z.html [16.04.2021].
- SOARES, Mário (1974) "Po nieudanym marszu na Lizbonę". Entrevista de Henryk Kurta. *Polityka*. 41 (919) 12.10.1974: 11.
- VIEIRA, Alcides (2009) *Marcello Caetano – em família* [Video]. <http://videos.sapo.pt/kNYcfvNEOUYgd2CKABTJ> [30.04.2021].
- WIECZORKIEWICZ, Paweł e URBAŃSKI, Marek (1992) "Dekolonizacja". Em: *Mały Oxfordzki słownik historii świata w XX wieku*. Londyn, Wydawnictwo Puls: 127-128.
- WITUCH, Tomasz (2000) *Historia Portugalii w XX wieku*. Pułtusk, Wyższa Szkoła Humanistyczna w Pułtusku.